
Laura Bellini
O Preço de um Único Olhar
Uma verdade escondida pode mudar o valor de tudo

O Preço de um Único Olhar

Uma verdade escondida pode mudar o valor de tudo

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384900970

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - O que não se vê..... 12
Capítulo 2 - Os limites da confiança..... 24
Capítulo 3 - Sob a superfície..... 38
Capítulo 4 - Depois do expediente..... 50
Capítulo 5 - O direito de dizer não 65
Capítulo 6 - A distância de uma respiração 79
Capítulo 7 - Entre nós e a verdade..... 91
Capítulo 8 - A luz do outro lado..... 103
Capítulo 9 - O risco escondido nos detalhes 116
Capítulo 10 - Sem uma distância segura 129
Capítulo 11 - Um lugar para dois..... 141
Capítulo 12 - Uma pista impossível de ignorar 152
Capítulo 13 - O preço do silêncio 164
Capítulo 14 - A meio passo da sinceridade 176
Capítulo 15 - A verdade do outro lado da moldura..... 187
Capítulo 16 - O limite do qual não vou recuar..... 199
Capítulo 17 - O que resta depois do silêncio 211
Capítulo 18 - O custo de fazer a escolha certa 223
Capítulo 19 - O valor da verdade..... 234
Capítulo 20 - Tudo o que realmente tem valor..... 248

INTRO

Vi Borys Sowa pela primeira vez no momento em que tentava provar que um quadro avaliado em várias centenas de milhares de zlotys não valia sequer metade daquela quantia.

Ele estava parado à porta de uma galeria em Wrocław, com uma caixa de madeira debaixo do braço, os cabelos molhados e a expressão de um homem que havia entrado no lugar errado, mas não tinha a menor intenção de pedir desculpas por isso. Eu estava ajoelhada diante de uma paisagem do século XIX, iluminando sua borda inferior com uma lanterna. Usava calças pretas, uma camisa branca e luvas que custavam menos do que o café servido nas inaugurações de exposições. Preferia que continuasse assim. No meu trabalho, quanto menos impressionante fosse a aparência de alguém, maior era a chance de finalmente prestarem atenção ao que essa pessoa tinha a dizer.

— A galeria está fechada — avisei, sem levantar a cabeça.

— Percebi. Tive que tocar a campainha três vezes.

— E, mesmo assim, o senhor entrou.

— A senhora Zofia deixou uma chave comigo.

Aquilo foi suficiente para que eu me virasse mais bruscamente do que pretendia.

Zofia Maj, proprietária da galeria, era uma mulher de gosto impecável e uma tendência preocupante a tomar decisões pelos outros. Três dias antes, havia me garantido que ninguém tocaria no quadro até a conclusão da perícia. Eu precisava de apenas duas semanas para finalizar a

documentação, emitir meu parecer e receber o pagamento que finalmente me permitiria alugar um espaço só meu. Não mais um escritório compartilhado com um escritório de advocacia, onde as conversas sobre a autenticidade de obras de arte eram constantemente interrompidas pelo zumbido de uma fragmentadora de papel. Eu queria um ateliê de verdade, com luz vinda do norte, uma mesa para examinar as obras e uma porta que pudesse fechar sem pedir autorização a ninguém.

O homem colocou a caixa junto à parede e olhou para o quadro.

— Ele não deveria estar nessa posição.

— Como disse?

— Está apoiado no ângulo errado. A parte inferior da moldura está suportando peso demais.

Levantei-me devagar.

— E o senhor é...?

— Borys Sowa. Trabalho com emolduramento e conservação de molduras.

Ele tinha trinta e oito anos, como descobri mais tarde, embora eu já tivesse percebido em seu rosto aquela combinação particular de maturidade e rebeldia. Era alto e vestia um suéter escuro com as mangas arregaçadas. Tinha uma cicatriz clara em um dos pulsos e uma marca de tinta dourada no polegar. Não parecia alguém que estivesse ali para impressionar quem quer que fosse. E foi justamente por isso que lhe dei mais atenção do que deveria.

— Anita Rojek — apresentei-me. — Sou perita em obras de arte. O quadro permanecerá nessa posição até o fim da análise.

— Nesse caso, permita que eu coloque um calço.

— Não autorizei nenhum tipo de intervenção.

— Não estou propondo uma intervenção. Estou propondo evitar que a moldura se parta antes que a senhora termine de examiná-la.

Sua voz era tranquila. Ele não a elevava nem tentava me constranger. Apenas apontou para uma pequena abertura próxima ao canto esquerdo, que eu ainda não havia percebido. Quando a examinei com mais atenção, compreendi que ele tinha razão.

Eu detestava momentos assim.

Detestava ainda mais homens que conseguiam estar certos sem demonstrar a menor satisfação no rosto.

— Mostre-me o calço — pedi.

Ele o retirou da caixa e o entregou a mim, em vez de se aproximar do quadro por conta própria. Aquele pequeno gesto me surpreendeu mais do que sua observação. Eu conhecia muitos especialistas que tratavam o espaço de trabalho dos outros como se fosse território próprio. Borys aparentemente compreendia a diferença entre oferecer ajuda e assumir o controle.

Durante algum tempo, trabalhamos em silêncio. Ele segurava o suporte de madeira enquanto eu ajustava a posição da moldura. A galeria cheirava a cera de piso, papel antigo e à chuva que entrava por uma janela entreaberta. Do outro lado do vidro, bondes passavam, e suas luzes riscavam o calçamento molhado da rua. Quando me endireitei pela segunda vez, Borys estava perto o suficiente para que eu percebesse o leve aroma de madeira e sabonete impregnado em seu suéter.

— Obrigada — eu disse.

— Isso pareceu doloroso.

— Melhor não se acostumar.

Ele sorriu pela primeira vez. Não foi um sorriso largo nem sedutor. Apenas um canto da boca se ergueu, como se tivesse apreciado uma resposta que não esperava receber.

— Imagino que sua avaliação do quadro não seja das melhores.

— Imagino que o senhor saiba que estou sujeita ao sigilo profissional.

— É sensato.

— Geralmente.

— E hoje?

Em vez de responder, voltei-me para a paisagem.

Ela retratava uma curva do rio Oder ao amanhecer, com um único barco junto à margem e construções baixas ao longe. O quadro era bonito, embora a beleza não constituísse prova de autenticidade. A assinatura era atribuída a um pintor conhecido do final do século XIX, mas a documentação de procedência apresentava uma lacuna inquietante. Vinte e sete anos durante os quais a tela supostamente permanecera em uma coleção particular, sem uma fotografia, um recibo ou sequer uma menção em alguma correspondência.

Bastaria uma única informação confiável para resolver a questão.

Zofia esperava um parecer favorável antes da venda planejada. Eu esperava fatos.

— A moldura não é original — Borys disse de repente.

Olhei para ele.

— Com base em quê?

— Nas proporções do perfil. Na maneira como os cantos foram unidos. E no douramento.

— A moldura pode ter sido substituída muitas vezes.

— É claro.

Ele examinava a parte inferior da moldura com uma atenção que transformou sua expressão. O sorriso desapareceu e, com ele, a descontração. Por um instante, pareceu reconhecer alguma coisa que preferia não ter visto.

— O senhor já trabalhou nessa moldura? — perguntei.

Ele não respondeu imediatamente.

— Em molduras semelhantes.

— Isso não responde à minha pergunta.

— Eu sei.

Nossos olhares se encontraram por cima da borda superior do quadro. Seus olhos eram cinzentos, surpreendentemente claros sob a iluminação suave da galeria. Ele me observava com atenção, sem tentar dominar a conversa, mas também sem demonstrar qualquer intenção de retirar o que acabara de dizer. Senti irritação porque seu silêncio era deliberado. Ao mesmo tempo, havia algo na maneira como ele me permitia perceber esse silêncio que despertava uma curiosidade incômoda.

O sinal de um bonde soou na rua.

— Zofia me pediu para preparar a moldura para a exposição — explicou finalmente. — Eu não sabia que a perícia ainda estava em andamento.

— Mais um motivo para não alterar absolutamente nada nela.

— Concordo.

Aquilo também me surpreendeu.

Peguei o celular e abri a mensagem enviada pela proprietária da galeria. Ela havia chegado menos de uma hora antes.

Anita, amanhã de manhã virá um especialista em molduras. Por favor, permita que ele avalie o estado da moldura. Quero que o quadro seja preparado para a venda sem demora.

Amanhã de manhã.

Olhei para o relógio. Eram dezenove horas e quarenta minutos.

— O senhor chegou um pouco antes do previsto.

— Zofia me ligou quando eu estava terminando o trabalho. Disse que era urgente.

— Para ela, tudo é urgente.

— E para você?

A simplicidade da pergunta me pegou desprevenida. Eu poderia ter respondido que o importante era o prazo do parecer, a responsabilidade profissional ou a documentação. Entretanto, por uma fração de segundo, pensei no imóvel vazio da rua Łaciarska, que havia visitado naquela manhã. Na luz que atravessava as janelas altas. No contrato de aluguel aguardando minha assinatura e no depósito inicial que eu não queria financiar com mais um empréstimo.

— A verdade — respondi finalmente. — Mesmo que seja inconveniente.

Borys deixou de sorrir.

Um telefone tocou no corredor. Nenhum de nós se moveu.

— Nesse caso — ele disse, baixando a voz -, você deveria examinar a parte de trás da moldura antes que alguém a desmonte.

— Por quê?

Ele olhou para o quadro e depois para mim. Notei a tensão na mão que mantinha apoiada sobre a caixa. Não parecia um homem que acabara de ter uma ideia. Parecia alguém que vinha adiando uma conversa inevitável havia algum tempo.

— Porque, às vezes, a informação mais importante está justamente onde ninguém quer olhar.

Eu deveria ter perguntado imediatamente o que ele queria dizer com aquilo. Deveria ter registrado suas palavras, exigido uma explicação e encerrado nosso encontro conforme o procedimento. Em vez disso, fiquei observando o homem que, em questão de minutos, conseguira colocar minhas conclusões em dúvida e despertar um interesse para o qual eu não havia reservado espaço em minha vida cuidadosamente organizada.

— O senhor pode me ajudar a virá-lo? — perguntei.

Borys hesitou.

— Se fizermos isso agora, talvez você encontre alguma coisa que não poderá mais deixar de mencionar no parecer.

— É exatamente para isso que me pagam.

Ele assentiu, mas sua expressão continuou séria.

Quando se aproximou, nossos braços quase se tocaram. Ele não se afastou bruscamente, tampouco tentou tirar proveito daquela proximidade. Esperou até que eu lhe indicasse o ponto onde deveria segurar a moldura.

E eu, pela primeira vez em muito tempo, não tinha certeza do que mais desejava descobrir: a verdade escondida atrás daquele quadro ou o motivo pelo qual Borys Sowa tinha tanto medo de que eu a encontrasse.

Capítulo 1 - O que não se vê

Virar um quadro antigo exigia mais confiança do que eu estava disposta a depositar em um homem que havia conhecido poucos minutos antes.

Não era uma questão de peso. A paisagem não estava entre as maiores obras com as quais eu já havia trabalhado, embora sua moldura fosse robusta e, em alguns pontos, preocupantemente instável. O problema era que Borys Sowa sabia mais sobre ela do que eu, e eu não fazia ideia de quanto desse conhecimento ele pretendia revelar.

— Segure o canto direito — instruí. — Não a parte inferior. Não quero aumentar a tensão no ponto onde existe a rachadura.

— Eu sei.

— Ótimo. Gosto de pessoas que entendem instruções.

— E eu gosto de pessoas que não as dão sem necessidade.

Olhei para ele por cima da moldura.

— Nossa colaboração vai ser complicada.

— Ainda nem decidimos se vamos trabalhar juntos.

Ele tinha razão, o que começava a se tornar um padrão irritante.

Transportamos o quadro para uma mesa que eu havia preparado anteriormente, revestida com um tecido macio. Borys se movia com cuidado, sem pressa, com a concentração de alguém acostumado a trabalhar com objetos que não podiam simplesmente ser substituídos por outros novos. Não precisei corrigir a maneira como segurava

a moldura nem lembrá-lo de tomar cuidado com o douramento. Em determinado momento, nossas mãos ficaram em lados opostos da mesma peça de madeira. Bastaria mover os dedos alguns centímetros para que se tocassem.

Não fiz isso.

Ele também não.

Quando o quadro finalmente repousou sobre a mesa, com a parte de trás voltada para cima, acendi uma luminária adicional. Tela antiga, chassi de madeira, pequenas marcas de reparos anteriores. Nada extraordinário. Pelo menos à primeira vista.

— O que exatamente você queria me mostrar? — perguntei.

Borys apontou para dois pequenos furos próximos à borda interna da moldura.

— Essas marcas não correspondem ao sistema de fixação atual. Alguém usou outro método anteriormente.

Inclinei-me para examinar.

— Isso pode ter acontecido durante alguma restauração.

— Pode.

— Você tem o hábito de responder com uma palavra só?

— Quando uma palavra basta.

Mudei o ângulo da iluminação, tornando-o mais oblíquo. A madeira apresentava marcas de um encaixe antigo e, junto a um dos furos, ainda havia um fragmento de acabamento mais escuro. Tirei fotografias, posicionando uma escala de medição ao lado. Aquilo não era prova de falsificação, nem sequer de alguma irregularidade, mas indicava que a história

da moldura era mais complexa do que sugeria a documentação.

— Zofia afirma que essa moldura acompanha o quadro pelo menos desde os anos oitenta — comentei.

— Ela afirma ou tem documentos que comprovam isso?

Levantei os olhos.

— Você conhece a diferença?

— Muito bem.

Dessa vez, fui eu quem ficou em silêncio.

Na minha pasta havia uma cópia de uma fotografia antiga que mostrava a paisagem pendurada na parede de uma residência particular. A imagem era pouco nítida, mas o perfil da moldura parecia diferente. Até então, eu havia presumido que a diferença se devia ao ângulo da câmera. Agora precisava considerar outra possibilidade.

Retirei a fotografia e a coloquei ao lado do quadro.

Borys não tentou pegá-la sem permissão. Apenas se inclinou para observar melhor os detalhes.

— De onde veio?

— Do arquivo da proprietária.

— Tem alguma data?

— No verso está escrito mil novecentos e oitenta e sete.

— À mão?

— Sim.

— De quem é a letra?

Olhei para ele com interesse crescente.

— Sou eu quem deveria fazer as perguntas.

— Não estou impedindo você.

Sorri contra a minha vontade e imediatamente voltei a atenção para a fotografia.

— Não foi possível identificar quem escreveu a data.

— Nesse caso, eu não a consideraria uma informação segura.

— Não considero.

— Ótimo.

Eu não sabia o que mais me irritava: sua objetividade ou o fato de que ele não tentava impressionar ninguém com seus conhecimentos. A maioria dos especialistas convidados a avaliar obras caras gostava de ouvir a própria voz. Borys falava apenas quando considerava necessário. Passava o restante do tempo observando.

Meu telefone tocou.

O nome de Zofia Maj apareceu na tela.

— Boa noite, Anita. Está tudo bem? — perguntou, antes mesmo que eu pudesse cumprimentá-la.

— Depende do que consideramos estar bem. O senhor Sowa já está na galeria.

— Excelente. Eu estava justamente pensando em avisar que ele conseguiu chegar mais cedo.

— Um aviso depois do acontecimento tem utilidade limitada.

Zofia suspirou.

— Não vamos começar. Borys é o melhor especialista em molduras que conheço.

— Não estou questionando a competência dele. Estou questionando a mudança dos nossos acordos sem que ninguém tenha me consultado.

Houve um breve silêncio do outro lado da linha.

— Precisamos desse quadro pronto para ser apresentado na próxima semana.

Endireitei-me.

— Conversamos sobre uma data preliminar. Eu ainda não confirmei a autenticidade nem a procedência da obra.

— Eu sei, querida.

Detestava quando ela me chamava de querida nos momentos em que pretendia me convencer de alguma coisa.

— Então vamos deixar estabelecido que nenhuma intervenção será realizada antes da conclusão dos exames.

— Borys precisa avaliar a extensão do trabalho.

— Ele pode avaliar. Não pode começar a execução.

— Quero que vocês cheguem a um entendimento.

— E eu quero que meu parecer continue independente.

Zofia encerrou a ligação garantindo que esclareceríamos tudo pela manhã. Eu conhecia aquele tom. Significava que ela esperava que eu mudasse de posição depois de uma boa noite de sono.

Guardei o telefone.

— Você ouviu?

— Seria difícil não ouvir.

— Então me diga claramente do que precisa.

Borys cruzou os braços.

— Acesso à moldura. Possibilidade de documentar seu estado de conservação. E a garantia de que ninguém vai

esperar que eu restaure alguma coisa que deveria ser examinada primeiro.

— Nesse ponto, estamos de acordo.

— Existe mais uma condição.

Suspirei.

— É claro que existe.

— Quero estar presente durante os exames em que forem retirados os elementos de fixação. Não porque duvide da sua capacidade. Mas porque não quero ser responsabilizado por danos ocorridos na minha ausência.

Observei-o atentamente.

— E se eu considerar que sua presença pode comprometer a independência da análise?

— Então contrate outro especialista. Não vou trabalhar em condições que me transformem em um culpado conveniente.

Aquilo não soou como uma ameaça. Pareceu mais um limite estabelecido depois de alguma experiência desagradável.

Por um instante, reconheci nele algo familiar.

Eu também sabia quanto podia custar assumir uma responsabilidade profissional quando outra pessoa controlava as circunstâncias.

— Aceito essa condição com uma ressalva — respondi. — Vamos documentar nossas conclusões separadamente. Você será responsável pela avaliação da moldura; eu, pela obra e por sua história. Se houver divergências, não vamos escondê-las da contratante.

Borys me observou por um longo momento.

— Combinado.

Estendi a mão.

Ele a apertou com firmeza, mas sem exagerar na força. Sua palma era quente e ligeiramente áspera. Percebi isso com a mesma clareza com que notei que ele não prolongou o contato nem por um segundo.

— Anita — acrescentei. — Já que vamos trabalhar juntos, podemos dispensar toda essa formalidade.

— Borys.

— Isso eu já sei.

— Então começamos com uma vantagem para você.

Não tive tempo de responder, pois ele apontou para um ponto próximo ao canto direito.

— Olhe aqui.

Sob a lupa, percebi uma depressão rasa e de formato regular. Alguém havia removido um pequeno fragmento da superfície da madeira, provavelmente durante um reparo anterior. As bordas não eram recentes, mas eram consideravelmente mais claras do que a madeira ao redor.

— Pode ter existido uma etiqueta aqui — sugeri.

— Ou um número de oficina.

— Podemos tentar identificar algum vestígio.

— Podemos. Sem danificar a superfície.

Borys pegou a luminária enquanto eu tirava outra série de fotografias. Trabalhamos durante quase uma hora, comparando as marcas com a documentação que eu havia preparado anteriormente. Em determinado momento, descobrimos que dois suportes metálicos eram ligeiramente diferentes dos demais. Borys reconheceu uma técnica mais

antiga de fixação, mas não tentou estabelecer uma data sem informações adicionais.

Gostei daquilo.

Não de seu rosto, embora fosse difícil ignorar completamente seus traços marcantes e a maneira como franzia a testa quando estava concentrado. Gostei do fato de que ele era capaz de dizer que não sabia. De que não considerava a falta de conhecimento uma humilhação.

Às nove da noite, apaguei a luminária.

— Por hoje, chega.

— Concordo.

— De novo?

— Não se acostume.

Sorri enquanto guardava a câmera na bolsa.

Borys protegeu a moldura e depois verificou a posição dos suportes. Fez isso sem pressa, embora eu percebesse que estava cansado. Somente quando terminou pegou o telefone e verificou as mensagens.

— Alguma coisa urgente? — perguntei.

— A oficina. Tenho a entrega de uma encomenda grande amanhã.

— Grande?

— Para um hotel. Mais de uma dezena de molduras. O prazo era razoável até alguém decidir que deveria ser antecipado.

— Parece familiar.

Ele guardou o telefone.

— Você também está com um prazo apertado?

Hesitei.

Não costumava contar meus planos a desconhecidos. Especialmente a homens cuja presença poderia complicar minha vida profissional.

— Tenho outros compromissos — respondi.

— Entendo.

Ele não insistiu.

E foi justamente isso que, por um instante, me deu vontade de contar mais.

Em vez disso, fechei a pasta.

— Amanhã, às nove, teremos uma reunião com Zofia. Vou preparar uma lista dos pontos que precisam ser esclarecidos.

— Estarei aqui.

— Pontualmente?

— Vou chegar oito minutos antes. Assim você terá tempo de não me deixar entrar.

Caí na gargalhada. Uma risada verdadeira, sem tentar controlar minha reação.

Borys me observou com algo que poderia ser satisfação, mas não fez nenhum comentário. Pegou a jaqueta no cabideiro e caminhou em direção à porta.

Chamei-o antes que saísse.

— Borys?

Ele se virou.

— Sim?

— Quando você viu esse quadro, tive a impressão de que reconheceu alguma coisa.

O silêncio que se seguiu foi diferente dos anteriores. Já não fazia parte de uma reflexão profissional.

— Reconheci o tipo de moldura — respondeu.

— Perguntei sobre o quadro.

Ele olhou para a paisagem encostada na parede.

— Já vi uma estrutura de emolduramento semelhante. Preciso verificar se estou me lembrando corretamente.

— Onde?

— Em materiais antigos de oficina.

— Da sua oficina?

— Entre outras.

Ele não desviou o olhar. Ainda assim, tive a impressão de que pesava cada palavra com muito mais cuidado do que a situação exigia.

— Se encontrar alguma informação relevante, preciso dela para o parecer — avisei.

— Eu sei.

— Isso não é uma resposta.

— Por enquanto, é a única resposta honesta que posso dar.

Não gostei daquela frase. Uma honestidade que deixava tanto espaço para omissões era, para mim, um conceito suspeito.

Depois que ele saiu, permaneci mais alguns minutos diante do quadro. Observei a curva do rio, o pequeno barco e a linha pálida do céu. Sempre acreditei que era capaz de separar aquilo que realmente via daquilo que desejava enxergar.

Naquela noite, já não tinha tanta certeza.

Em casa, abri a documentação no laptop. Registrei as observações sobre a moldura, acrescentei as fotografias e destaquei a necessidade de verificar sua história. Em seguida, abri a mensagem da corretora de imóveis.

Senhora Anita, o proprietário concordou em esperar até sexta-feira para tomar uma decisão. Depois dessa data, voltaremos a conversar com os outros interessados.

Faltavam três dias para sexta-feira.

Olhei para o contrato de aluguel que havia imprimido naquela manhã. Depois, para o arquivo da perícia, do qual dependia uma parte significativa da minha renda nas semanas seguintes.

Eu poderia acelerar o parecer. Poderia considerar que os documentos existentes eram suficientes. Poderia fazer aquilo que Zofia esperava desde o início.

Mas eu não havia passado onze anos construindo minha reputação para agora assinar um documento que não seria capaz de defender.

Abri uma nova mensagem.

Zofia, até que a história da moldura seja esclarecida, não posso confirmar a datação nem a continuidade da procedência do quadro. Nossa reunião de amanhã deve acontecer antes de qualquer definição sobre a data da venda.

Enviei antes que pudesse mudar de ideia.

Pouco depois, meu telefone vibrou.

Não era uma resposta de Zofia.

Número desconhecido.

Aqui é Borys. Encontrei um catálogo antigo de perfis de molduras. Um detalhe pode ser importante. Vou levá-lo amanhã. E não se preocupe, não pretendo tocar no quadro sem sua autorização.

Li a mensagem duas vezes.

Então, para minha própria surpresa, respondi:

Ótimo. Aproveite e traga um café. Já que pretende chegar oito minutos antes.

A resposta veio quase imediatamente.

Como você gosta do seu café?

Fiquei olhando para a tela por alguns instantes.

Ele não perguntara se eu queria café. Perguntara como eu gostava dele.

Era uma pequena diferença que minha cautela deveria ter ignorado.

Espresso duplo. Sem açúcar.

Vou me lembrar.

Coloquei o telefone sobre a mesa.

Do lado de fora, Wrocław brilhava depois da chuva. O apartamento estava silencioso e, sobre a mesa, estavam os documentos relacionados ao futuro que eu pretendia construir exclusivamente segundo minhas próprias condições.

Eu ainda não sabia o que Borys Sowa escondia por trás daquela tranquilidade.

Sabia apenas que, pela primeira vez em muito tempo, a presença de alguém não me parecia apenas um obstáculo.

E isso me inquietava mais do que eu gostaria de admitir.

Capítulo 2 - Os limites da confiança

Borys realmente chegou oito minutos antes das nove.

Estava diante da galeria com dois copos de papel e uma pasta debaixo do braço. Ao contrário da noite anterior, sua jaqueta estava seca, os cabelos cuidadosamente penteados e sua expressão era a de um homem que já havia resolvido vários assuntos antes que o restante da cidade tomasse o primeiro café.

— Espresso duplo — disse, entregando-me um dos copos. — Sem açúcar.

— Você verificou se não colocaram veneno nele?

— Achei que, com esse seu temperamento, você não precisa de perigos adicionais.

Mantive os olhos fixos nele.

— Isso deveria ser engraçado?

— Um pouco.

— Você precisa escolher melhor seu público.

Ele sorriu.

Eu tinha a impressão de que aquele sorriso era sua habilidade mais perigosa. Não porque fosse especialmente impressionante, mas porque aparecia raramente e sempre no momento certo.

Entramos na galeria. Zofia ainda não havia chegado, então eu tinha alguns minutos para examinar o material de Borys sem a pressão das expectativas dela.

Ele colocou a pasta sobre a escrivaninha e retirou três fotocópias.

— Um catálogo do final dos anos setenta. De uma oficina de molduras na rua Jedności Narodowej. Eles produziam perfis característicos, com um sulco profundo próximo à borda interna.

Examinei a reprodução.

— Parecidos.

— Muito parecidos. Mas não idênticos.

— Qual é a diferença?

— A altura do perfil e o acabamento dos cantos. Nossa moldura tem uma camada adicional de madeira que não aparece no desenho.

— Uma modificação posterior?

— É possível.

Coloquei a cópia de lado.

— Então continuamos sem saber quando foi feita.

— Pelo menos sabemos por onde começar.

Observei-o por alguns instantes por cima do copo.

— Você é sempre tão cauteloso?

— Nem sempre.

— Em que situações deixa de ser?

Borys ergueu os olhos.

— Quando se trata de coisas que realmente importam para mim.

Ele não disse aquilo em tom de flerte. Foi justamente por isso que, durante um instante, esqueci o que pretendia responder.

A porta da galeria se abriu bruscamente.

Zofia Maj entrou com o telefone junto ao ouvido e uma bolsa de couro pendurada no ombro. Usava um elegante casaco bege que provavelmente custava mais do que o aluguel mensal do imóvel dos meus sonhos.

— Sim, vou confirmar depois da reunião — dizia ao telefone. — Claro. Não se preocupe.

Encerrou a ligação e olhou para nós com um sorriso largo.

— Que maravilha. Vocês já estão trabalhando.

— Estamos justamente estabelecendo o que ainda não sabemos — respondi.

— Isso parece um pouco menos maravilhoso.

— Depende de você preferir a verdade ou a tranquilidade.

Zofia tirou o casaco.

— Anita, não comece. Sei que você é meticulosa. Foi por isso que a contratei.

— Nesse caso, preciso de tempo.

— Quanto?

— O necessário para verificar as divergências. Por enquanto, proponho dez dias úteis para as investigações adicionais. Depois disso, decidiremos se serão necessários outros exames.

Zofia olhou para Borys.

— E a moldura?

— Não vou iniciar os trabalhos de conservação antes de concluir a documentação — respondeu ele.

A proprietária da galeria suspirou.

— Vocês dois já formaram alguma aliança?

— Estabelecemos as regras do trabalho — expliquei.